
Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/ Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*

EURICO DE SEPÚLVEDA
NUNO GOMES
RODRIGO BANHA DA SILVA

R E S U M O Os autores apresentam um conjunto de *terra sigillata* exumado na intervenção arqueológica urbana de emergência efectuada na Rua dos Douradores, no ano de 1997/8. As conclusões obtidas a partir do estudo efectuado são cruzadas com intervenções arqueológicas, prévias, efectuadas na Baixa lisboeta.

A B S T R A C T This paper is concerned with an emergency excavation done in Lisbon Downtown during the year of 1997/8. A set of Terra Sigillata sherds were studied and the conclusions obtained were compared with previous archaeological works that took place in the same area.

1. Considerações prévias.

Entre Abril de 1997 e Janeiro de 1998 decorreu uma intervenção arqueológica urbana no centro histórico de Lisboa, da responsabilidade do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade.

Os trabalhos arqueológicos, coordenados por um dos signatários (R.B.S.), incidiram sobre a abertura de valas para renovação de diversas infra-estruturas urbanas ao longo da Rua dos Douradores, uma das artérias de sentido “Sul-Norte” que integra o traçado ortogonal setecentista da “Baixa Pombalina” da capital, assim projectada após o terramoto de 1755.

A metodologia de escavação corresponde, em parte, à praticada anteriormente noutros trabalhos na mesma zona (Diogo e Trindade, 2000b, p. 200-201), nomeadamente na definição de sectores de escavação de dimensão variável em função das materialidades reconhecidas em cada local. No entanto, divergiu daquelas em alguns aspectos, o mais relevante dos quais foi a opção

da não escavação da estratigrafia que não iria ser afectada, deixando-a intacta para posteriores intervenções, oportunamente efectuadas com outra planificação e enquadramento.

De entre o conjunto de artefactos recolhidos nesta intervenção arqueológica urbana, a *terra sigillata* foi seleccionada para publicação por duas razões: por um lado, por fornecer indicações cronológicas importantes para a definição da cronologia dos contextos; por outro, por ser mais um contributo à recente compulsão dos exemplares desta classe cerâmica recolhidos em escavações na cidade de Lisboa (Sepúlveda et al., 2002; Pereira, 2001; Gomes, 2002), facultando aos investigadores mais uma amostragem para a formação de um enquadramento geral destas importações.

2. Os contextos reconhecidos

As materialidades estruturais e contextuais da época romana reconhecidas durante a I.A.U. concentravam-se ao longo do quarteirão mais a Sul da Rua dos Douradores, e também no troço entre a Rua da Prata e a dos Fanqueiros ao nível da sua primeira transversal, a Rua de São Nicolau.

A esta dispersão dos achados não deverá ser atribuído grande significado em termos de interpretação do urbanismo antigo de *Olisipo*. A mesma deve-se, quer à opção patrimonial mencionada acima, quer ao facto de as valas abertas ao longo dos restantes quarteirões terem respeitado os antigos traçados ou, ainda, à diferente topografia gerada após as obras da segunda metade do século XVIII.

As estruturas romanas identificadas em três das sondagens (RDD-S.1, S.2 e RDD-S.6) comprovaram o carácter fabril que se vem atribuindo a esta zona da cidade romana (Amaro, 1994; Bugalhão, 2001). Numa delas, foi possível reconhecer duas cetárias contíguas, cuja planta restituída as aproxima, em termos de dimensão, daquelas reconhecidas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (*Idem*).

A revisão dos elementos planimétricos das estruturas reconhecidas até ao momento, indicia uma organização espacial específica desta zona de *Olisipo* e, eventualmente, a existência de intervenções urbanísticas planificadas (Silva, 1999).

O estado actual dos nossos conhecimentos não nos permite uma definição rigorosa dos ritmos de construção das estruturas artesanais, dado serem ainda escassos os elementos de escavação disponíveis sobre os depósitos associados à instalação das estruturas.

No mesmo sentido, os contextos estratigráficos identificados na intervenção arqueológica urbana da Rua dos Douradores correspondiam a momentos posteriores à época de abandono. Alguns dos achados indiciavam, inclusive, acções atribuíveis a datas mais recentes, talvez comparáveis à reutilização medieval das estruturas romanas, documentada por várias vezes no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001) e também na cetária da Rua dos Fanqueiros n.ºs 68-76 (Diogo e Trindade, 2000a).

Na sondagem RSN-S.4 foi reconhecida uma fossa detrítica baixo-imperial (contexto U.E. 1012-4), tendo associada uma grande quantidade de cerâmica. A sua localização, na pequena elevação que subjaz à actual Rua dos Fanqueiros que se supõe de ocupação intensa durante a época de laboração das unidades fabris, implica um abandono da área próxima na tardo-romanidade.

Nas sondagens 3 e 4 da Rua de São Nicolau foram revelados outros contextos posteriores ao referido abandono, mas de difícil aferição cronológica. Os únicos dados disponíveis para estes (três sepulturas em RSN-S.3 e dois muros formando uma esquina em RSN-S.4), são os de serem



Planta 1 Planta de localização das sondagens da I.A.U. da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau, 1997/8.

posteriores à fossa detritica baixo-imperial reconhecida em S.4, bem como as indicações fornecidas pelos materiais recolhidos no enchimento das fossas das inumações. A dinâmica estratigráfica testemunhava, igualmente, a sua anterioridade aos séculos XI-XII.

Estes vestígios, nomeadamente os funerários, apesar de discretos, testemunham ocupações da zona em época talvez alto-medieval, momento muito pouco visível no registo arqueológico da capital.

3. Os materiais em *terra sigillata*

O conjunto da *terra sigillata* da escavação de âmbito urbano realizada, em 1997/8, na Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau, é constituído por peças em estado muito fragmentado, o que constitui um sério entrave ao seu estudo, problema que se irá reflectir nas nossas conclusões.

Com o fim de facilitar a análise, optámos por elaborar um quadro, no qual nos preocupámos em mostrar, de uma forma simples e perceptível, as características de toda esta colecção.

Os materiais exumados em 1997/8 foram, assim, agrupados em relação à sua origem de produção, à sua forma e à apresentação de marca de oleiro.

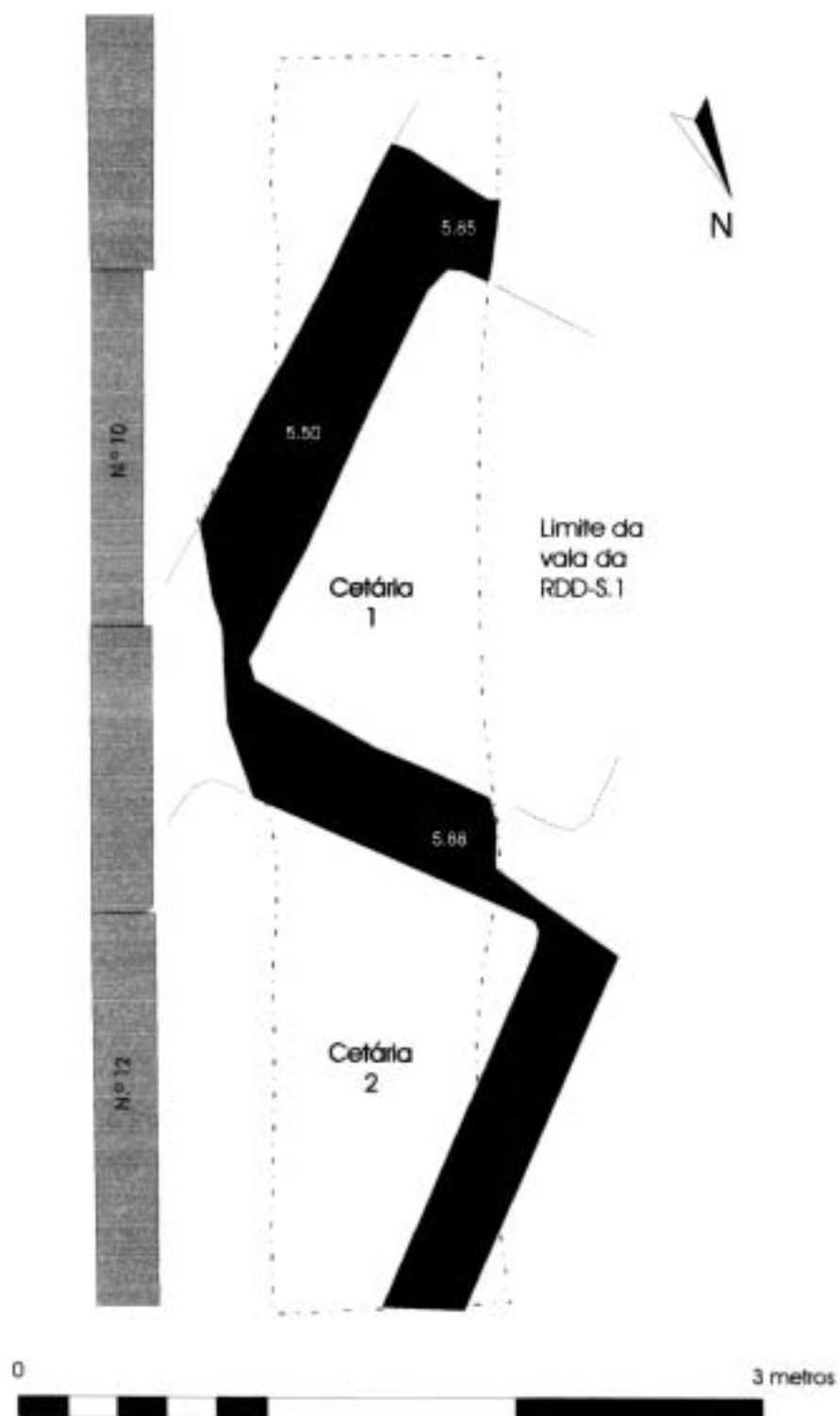
Desta maneira, podemos, desde já, afirmar que a maior percentagem de peças em *terra sigillata* pertence ao grupo que tem origem na África romana, distinguindo-se pelo grande número de exemplares, a produção em clara D, seguida, bem de longe, pelos fragmentos produzidos em clara A. No respeitante à produção de clara C, não conseguimos detectar nenhum fragmento, caso que nos parece estranho, na medida em que toda a panóplia de produções de cerâmica fina de mesa estão aqui representadas.

Quadro 1. Quadro sinóptico da <i>terra sigillata</i> da intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores - Lisboa					
Produção	Frag	%	Frag. classificáveis	Frag c/ marca de oleiro	Formas
TSIt.	2	3,85	—	1	—
TSG	7	13,46	5	—	Drag 27, 29
TSH	7	13,46	2	1	Drag 18/31
TSAf. cl	34	65,38	9	—	Hayes 14; 62; 67; 67/71; 91; 96
Foçense	2	3,85	1	—	Hayes 3
Totais	52	100,00	17	2	—

O espectro cronológico que nos é dado pelas formas de *terra sigillata* africana clara que classificámos, tem como diacronia mais alta os meados do século II d. C., baseada, esta, num exemplar da forma Hayes 14 (Carandini e Tortorella, 1981, p. 32,33) em clara A, com o número de Inv. **97/324**, e como diacronia mais baixa, a de um fragmento, possivelmente de forma Hayes 96, número de Inv. **97/221**, em clara D, que aponta para uma vivência desta forma, nos mercados entre a *Hispania* e a *Africa*, desde a primeira metade do século V d.C. até à primeira metade do VI (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 305, 306).

Para além destas formas, estão também presentes travessas de tamanho grande, Hayes 67, e almofarizes Hayes 91, que apresentam decorações em guilhochis do tipo “feather-rouletting”, com cronologias do terceiro quartel do século IV a meados do V.

O fundo com o número de Inv. **97/13a** e **13b** foi classificado como Hayes 67, atendendo à composição decorativa que tem impressa: folhas de palma (Hayes 33q) alternando com círculos concêntricos, sendo o do exterior dentado (Hayes 4i). Estes motivos decorativos pertencem ao repertório do estilo A de Hayes (1972, p. 230, 234).



Planta 2 Planta das estruturas reveladas na Sondagem 1 da Rua dos Douradores.

Seguem-se, por ordem de importância e com o mesmo número de fragmentos, as produções da Gália e da Hispânia.

Estão presentes, nas peças de importação gálica, taças de tamanho pequeno da forma Drag. 27 e taças decoradas de tamanho médio Drag. 29 (n.ºs de Inv. **97/319** e **97/326**). Estas apresentam painéis com motivos vegetalistas do tipo “rincaux” (Hermet, 1934, Pl. 30, 32), que cobrem a parte superior da pança, imediatamente a seguir ao bordo.

A diacronia que propomos para estas peças situar-se-á dentro do arco cronológico que se estende entre 40 e 70 d. C.

Por sua vez, da análise das peças de origem hispânica, encontrámos, apenas, fragmentos de pratos da forma Drag. 18/31, de produção dos fornos de Tricio. Um desses fragmentos (número de Inv. **97/330**) foi encontrado juntamente com um fundo de uma lucerna com a marca de *L.MVNATIVS THREPTVS*.

Este oleiro, com oficinas no centro da Itália, teve o seu período de laboração durante os finais dos Flávios até aos inícios dos Antoninos (Bailey, 1980, p. 98, fig. 107-Q1266). Encontram-se exemplares de lucernas com a sua marca por todo o Império, sendo até possível ter existido uma sua sucursal em *Bracara Augusta*, na medida em que foi encontrado, nesta cidade, um molde com o seu nome (Sousa, 1965-66).

Os dois exemplares de origem itálica que foram exumados na Rua de São Nicolau, nas duas sondagens ali efectuadas, não foram passíveis de lhes ser atribuída qualquer forma, devido ao seu estado fragmentado. Pensamos tratar-se de material de intrusão.

As produções tardias de *sigillata* foceense (Late Roman C) estão, por sua vez, representadas por dois fragmentos (número de Inv. **97/303** e **97/304**) encontradas na “Sepultura 2”, motivo que nos leva a pensar pertencerem à mesma taça.

Atendendo a este facto, talvez se possa afirmar que este enterramento deverá ter tido lugar algures nos finais do século VI, conclusão a que já tínhamos chegado (*supra*).

Não terminaremos esta análise sem referenciar os números de Inv. **97/307** e **97/320**, que apresentam vestígios de marcas de oleiro.

O primeiro, **97/307**, é de produção hispânica e tem impressa o resto de uma marca, em cartela rectangular com o lado menor bífido, em que se consegue ler, somente, as duas últimas letras *NI*.

Depois de consultarmos as listas de oleiros hispânicos (Mayet, 1983-1984; Mezquíriz de Catalán, 1985), conseguimos apurar cerca de uma dezena e meia, cujos nomes terminavam em *NI*. Este facto tornava impossível a nossa tentativa para efectuar uma identificação correcta.

A fim de obtermos a tal, excluímos deste conjunto todos os oleiros que não tivessem assinado com cartela rectangular de lados menores bífidos. Obtivemos, assim, o seguinte subconjunto de cinco oleiros, dentro do qual se deverá encontrar aquele que fabricou esta peça: *ALBINVS*; *AGILIANVS*; *FLAVINIVS*; *LVCIVS ANNIVS* e *S() NI()*.

O outro fragmento é de origem itálica e, devido ao seu estado fragmentário, não nos deu possibilidade de qualquer tipo de leitura.

4. Considerações finais

Do conjunto de *terra sigillata* recolhido na I.A.U. da Rua dos Douradores/S. Nicolau, resalta o conjunto recolhido na fossa detrítica baixo-imperial, identificada pelas unidades estratigráficas 1012-14.

A relativa homogeneidade dos elementos presentes, bem como a própria definição funcional do contexto, apontam para mais um elemento que ilustra as profundas transformações operadas nesta zona da cidade durante o século V d.C.

Se a laboração das unidades de processamento de peixe só faz sentido numa produção em larga escala, o desaparecimento, a partir dos inícios do século V d.C., das condições indutoras deste tipo de volume explicará o final das estruturas (Bugalhão, 2001, p. 171).

Quadro 1: Diacronias de TSAf. da Rua dos Fanqueiros e da Rua dos Correeiros/BCP					
<i>Proveniência</i>	<i>Produção</i>	<i>Int. Crono Inf.</i>	<i>Crono. Inf Sup.</i>	<i>Formas</i>	<i>Nº frag</i>
R. Fanq. 68-76 (1)	TSAf. Clara D; Foc; CAC.	150	600	Lamb. 10 A; Hayes 52B; 57; 61A; 67; 76; 91	9
N.A R.C/ U2- T8 (2)	TSAf. Clara D	350	420	Hayes 61A	1
N.A R.C/ U3- T12 (2)	TSAf. Clara C; D	230	530	Hayes 50; 53B; 67; 73; 81; 91B	9
N.A R.C/ U3- T33 (2)	TSAf. Clara C; D	325	475	Hayes 61; 67; 73	9
N.A R.C/ U3- Pátio (2)	TSAf. Clara D	360	470	Hayes 62; 67	2
N.A R.C/ U4- T19 (2)	TSAf. Clara A; C/D	220	320	Hayes 48; 32/58	2
N.A R.C/ U4- T25 (2)	TSAf. Clara D	325	420	Hayes 67	1
N.A R.C/ U5- Pátio (2)	TSAf. Clara C	230	325	Hayes 50	1
N.A R.C/ U6- T17 (2)	TSAf. Clara A; C/D	160	320	Hayes 14; 32/58; 27	5
N.A R.C/ U6- T22 (2)	TSAf. Clara D	380	400	Hayes 60	1
N.A R.C/ Est. Habit.	TSAf. Clara D; A/C	220	447	Hayes 48; 67	2

(1) Dados obtidos de Diogo et al., 2000a

(2) Dados obtidos de Bugalhão, 2001

É certo, porém, que a desactivação das diferentes unidades de processamento pode não se ter verificado na mesma altura e pode ter assumido ritmos dissemelhantes.

Essa é, pelo menos, a leitura permitida pelos dados obtidos no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros/BCP, onde, para o abandono de algumas das unidades identificadas, não se obtiveram elementos datantes que permitam avançar com cronologias já dentro da quinta centúria; mais, a coerência dos artefactos encontrados em algumas delas, em concreto as unidades 4 e 6, parece sugerir um tempo de abandono um pouco anterior, entre os finais do século III d.C. e a primeira metade do seguinte (Cf. Bugalhão, 2001- Ver Tabela 2).

As observações produzidas na unidade 3 daquele sítio arqueológico (*Idem*), bem como as produzidas acerca da cetária da Rua dos Fanqueiros n.ºs 68-76 (Cf. Diogo e Trindade, 2000a; ver Tabela 2), apontam para os meados do século V d.C. como o período do abandono definitivo, associado ao próprio colapso das coberturas (*Idem* e Bugalhão, 2001), fenómeno histórico a que se deverá associar a formação do contexto da fossa detritica reconhecida na sondagem RSN-S.4.

Catálogo								
Nº inv.	PROVENIÊNCIA		FRAGMENTO		Peça	DIMENSÕES/ MM		Espes.
	Sond.	EU	Forma	Nº frag/s		D.B/b	Alt.	
Rua dos Douradores (RDD)								
97/322	RDD1	1018	Ind.	1	Carena	—	—	5,3
97/323	RDD1	1018	Ind.	1	Inflexão	—	—	5
97/324	RDD1	1018	Hayes 14	1	Bordo	166	25	5
97/325	RDD1	1018	Ind.	1	Parede	—	—	8
97/330	RDD5	613	Drag. 18/31	1	Prato	144	31	6
					Bordo e parede			
97/332	RDD6	704	Ind.	1	Parede	—	39	4
97/319	RDD6	704	Drag.29	2	Bordo e pança	187	65	4,6
Rua de São Nicolau (RSN)								
97/318	RSN3	814	Ind.	2	Base	—	—	8
97/321	RSN3	815	Ind.	1	Parede	—	—	3,5
97/303	RSN3	809	Hayes 3F	1	Bordo	210	17	4,6
97/304	RSN3	809	Ind.	1	Base	148	20	4,1
97/329	RSN3	404	Ind.	1	Bordo	—	—	6
97/326	RSN3	405	Drag. 29	1	Pança	—	2,5	5,4
97/327	RSN3	405	Ind.	1	Fundo	—	—	11
97/328	RSN3	405	Ind.	1	Parede	—	15,4	4,7
97/305	RSN3	405	Ind.	1	Inflexão(?)	—	—	3
97/306	RSN3	405	Drag.27	2	Bordo	Ind.	—	3,5
97/307	RSN3	405	Ind.	1	Base	60	—	7
97/308	RSN3	405	Drag. 18/31	1	Bordo	Ind.	22,5	4
97/309	RSN3	405	Ind.	1	Pança	Ind.	—	6
97/310	RSN3	405	Ind.	1	Ind.	—	—	—
97/311	RSN3	405	Ind.	1	Bordo/Aba	Ind.	13,5	8
97/312	RSN3	405	Ind.	1	Ind.	—	—	7
97/313	RSN3	405	Ind.	1	Ind./Fundo	—	—	3,5
97/314	RSN3	405	Ind.	1	Ind./Pança (?)	—	—	5
97/315	RSN3	405	Ind.	1	Ind.	—	—	4,8
97/316	RSN3	405	Ind.	1	Ind.	—	—	5,4
97/317	RSN3	405	Ind.	1	Ind.	—	—	4,7
97/333	RSN3	808	Ind.	1	Fundo de prato	—	—	3,7
97/15	RSN4	1014	Ind.	1	Pança	—	—	5,4
97/207	RSN4	1012	Ind.	1	Bordo	—	—	5
97/211;97/213	RSN4	1012	Ind.	2	Base c/ pé	—	—	15,6
97/229	RSN4	1012	Ind.	1	Base c/ pé	—	—	5,4
97/233	RSN4	1012	Drag. 27	1	Inflexão	—	—	5
97/320	RSN4	1012	Ind.	1	Fundo	—	—	3,7
97/300	RSN4	1012	Ind.	1	Fundo	—	—	4,3
97/301	RSN4	1012	Ind.	1	Ind.	—	—	3,8
97/302	RSN4	1012	Drag. 27	1	Inflexão	—	—	7
97/335	RSN4	1012	Ind.	1	Fundo	—	—	5,3
97/336	RSN4	1012	Ind.	1	Parede	—	—	9,6
97/1	RSN4	1012	Ind.	1	Ind.	—	—	7,6
97/2	RSN4	1012	Hayes 67/71	1	Bordo	180	—	4,3
97/3	RSN4	1012	Ind.	1	Parede	—	—	4,9
97/4	RSN4	1012	Hayes 91 (?)	1	Parede	—	—	5
97/5	RSN4	1012	Hayes 67	1	Bordo (aba)	380	—	7,6
97/6	RSN4	1012	Hayes 91(?)	1	Ind.	—	—	6,4
97/7	RSN4	1012	Ind.	1	Parede, fundo	—	—	6
97/8	RSN4	1012	Ind.	1	Fundo/c/pé	—	24	10,7
97/9	RSN4	1012	Ind.	1	Fundo	—	—	6,6
97/10	RSN4	1012	Hayes 62	1	Bordo de taça	—	38	6,2
97/11	RSN4	1012	Ind.	1	Fundo c/pé	76	10	5,8
97/12	RSN4	1012	Hayes 67	1	Bordo em aba	340	30	8,5
97/13a; 13b	RSN4	121	Hayes 67	2	Fundo	—	—	3,5
97/220	RSN4	121	IND.	1	Aba/inflexão	Ind.	—	7
97/221	RSN4	121	Hayes 96	1	Aba	Ind.	—	3,4

¹ No que concerne à Terra Sigillata Africana Clara, foram aplicados os seguintes parâmetros cronológicos (Carandini, 1981):

TSAf. cl. A : desde meados do século II d.C até aos finais do século III.

TSAf. cl. D : desde meados do século IV d. C até meados do século V (perdurando no oriente – Constantinopla – até meados do século VII).

Catálogo

ENGOBE				FABRICO	OBS.	CRONO
Brilho	Espes.	Homog.	Cor			
Moderado	Espesso	N/ homog.	10R 4/8	TSaf. cl. D	Cetária	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Sud Gálico	Cetária	
Moderado	Espesso	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. A	Cetária	Meados do séc. II d.C.
Moderado	Espesso	Homog.	2.5YR 5/6	TSaf. cl. D	Cetária; Engobe pelo interior	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 4/8	Hispânico	Juntamente c/ lucerna de MVNTREP	Flávios/ séc. II d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D		Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Sud Gálico	Decorado; guilhochis no bordo	40-70 d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D	Engobe só pelo interior -Sep.3	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Hispânico	Sep. 3; junto ao crâneo	
Baço	Fino	N/ homog.	2.5YR 6.5/4	Foceense	Sep. 2	Finais do séc. VI d.C.
Baço	Fino	N/ homog.	10R 4/8	Foceense	Sep. 2	Finais do séc. VI d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. A	Pequeno frag.	Clara A
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 4/8	Sud Gálico	Decorado; guilhochis no bordo	40-70 d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 4/8	Sud Gálico	—	
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Sud Gálico	Decorado	
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 4/8	Itálico	Oeste	
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 4/8	Sud Gálico	Oeste; frag. muito pequeno	40-80/100 d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Hispânico	Oeste; apresenta início de cartela de oleiro onde se lê NI; frag. muito irregular	
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Hispânico	Oeste	Flávios/ séc. II d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Hispânico	Oeste	
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 4/8	Hispânico	Oeste; pequena falha	
Baço	Espesso	Homog.	10R 5/8	TSaf. cl. D	Oeste	Clara D
Baço	Fino	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. D	Oeste; frag. muito pequeno	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 5/8	TSaf. cl. D	Oeste; frag. muito pequeno; engobe pelo interior	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D	Oeste; frag. muito pequeno	Clara D
Baço	Fino	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. D	Oeste; frag. muito pequeno	Clara D
Baço(ext.)/ brilhante(int.)	Fino	Homog.	10R 5/8	TSaf. cl. D	Oeste; frag. muito pequeno	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 5/8	TSaf. cl. A	Oeste; frag. muito pequeno	Clara A
Brilhante pelo int.	Espesso	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. D	Sepultura 1	Clara D
Moderado	Espesso	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. A	A Sul do muro	Clara A
Baço	Espesso	Homog.	10R 6/6	TSaf. cl. D		Clara D
Baço	Espesso	Homog.	2.5YR 4/8	Hispânica	Andújar	Hispânica
Baço	Espesso	Homog.	2.5YR 7/6	TSaf. cl. D	Engobe pelo interior	Clara D
Pouco	Espesso	Homog.	2.5YR4/8	Sud Gálico		40-80/100 d.C.
Irregular	Espesso/ fino	N/ homog.	2.5YR 5/8	Itálico	Marca de oleiro com apenas 2 letras	
Irregular	Fino	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D	Possivelmente	Clara D
Brilhante	Espesso	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. D	Possivelmente	Clara D
Baço	Espesso	Homog.	10R 4/6	Sud Gálico		40-80/100
Baço (ext.)	Fino	Homog.	2.5YR7/8	TSaf. cl. D		Clara D
Baço	Espesso	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Clara D
Brilhante (int.)	Espesso	Homog.	10R 5/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Clara D
Baço	Fino	Homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Finais séc. IV/ 1 ^a met. V d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Clara D
Brilhante (int.)	Espesso	N/homog.	10R 5/8	TSaf. cl. D	No corte Este	370/385 meados séc. V d.C.
Brilhante	Fino	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D	No corte Este	360-470
Brilhante	Espesso (int.)	N/homog.	10R 5/8	TSaf. cl. D	No corte Este	370/385 meados séc. V d.C.
Brilhante	Espesso (int.)	Homog. (int.); N/homog. (ext.)	2.5YR 5/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Clara D
Baço	Espesso	Homog.	10R 6/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Clara D
Baço	Espesso	Homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. D	No corte Este	Clara D
Baço	Espesso	Homog.	2.5YR 6/6	TSaf. cl. D	No corte Este	350-425 d.C.
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 5/8	TSaf. cl. A	No corte Este	Clara A
Brilhante	Espesso	Homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. D	No corte Este	360-470 d.C.
Baço	Fino	Homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. D	Dec. c/palmetas e rodas dentadas	360-470 d.C.
Baço	Fino	N/homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. D	C/a 97/13	Clara D
Baço	Fino	Homog.	2.5YR 6/8	TSaf. cl. D	Dec. c/guilhochis	1 ^a met. do séc. V à 1 ^a met. do VI d.C.

² Não foi possível classificar, segundo o ponto de vista cronológico, as peças que, pelas suas dimensões, não nos ofereciam condições de análise temporal.

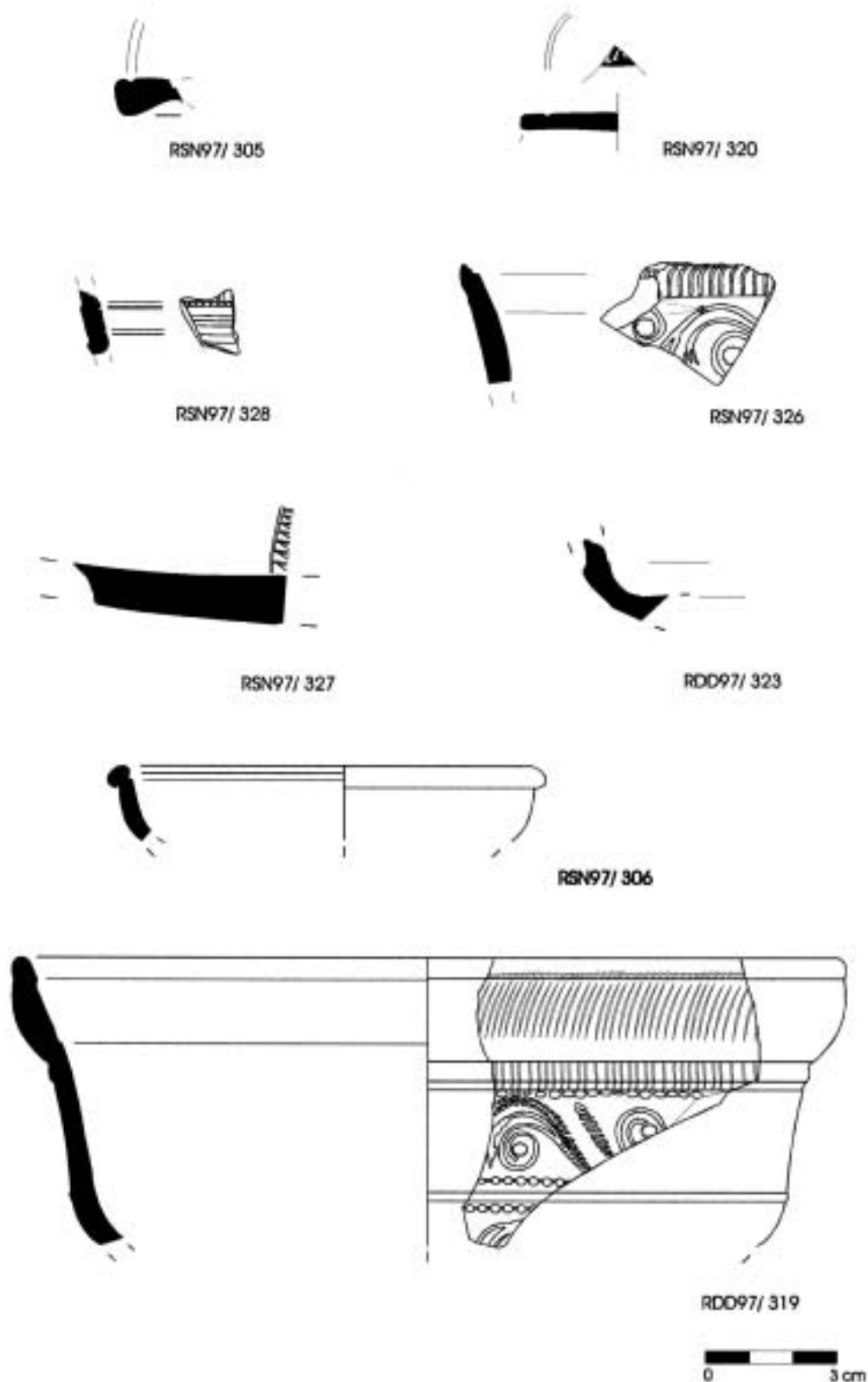


Fig. 1 Terra Sigillata Itálica 305 e 320; Terra Sigillata Gálica 328-319.

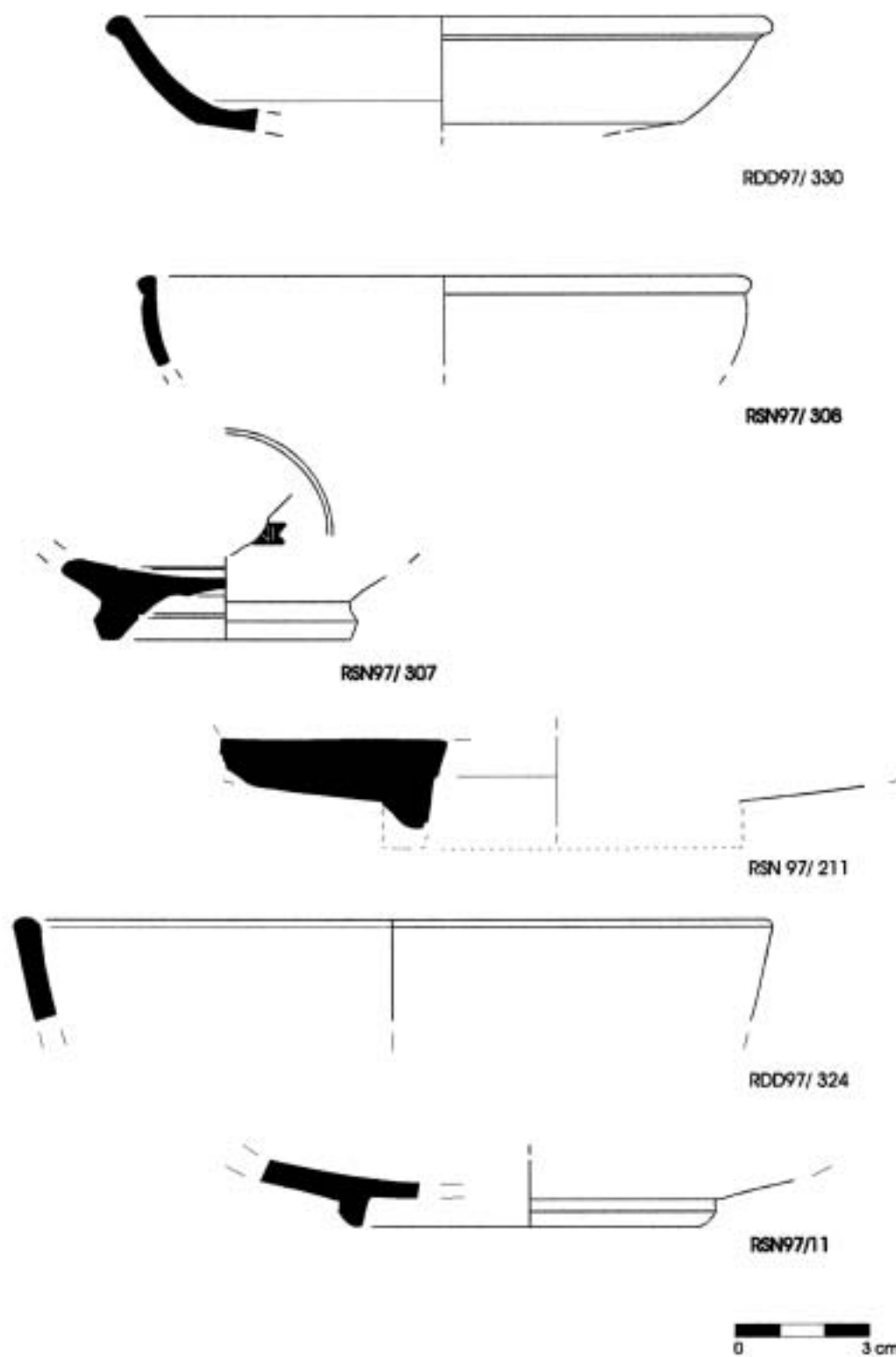


Fig. 2 *Terra Sigillata* Hispânica 330-211; *Terra Sigillata* Africana Clara A 324 e 11.

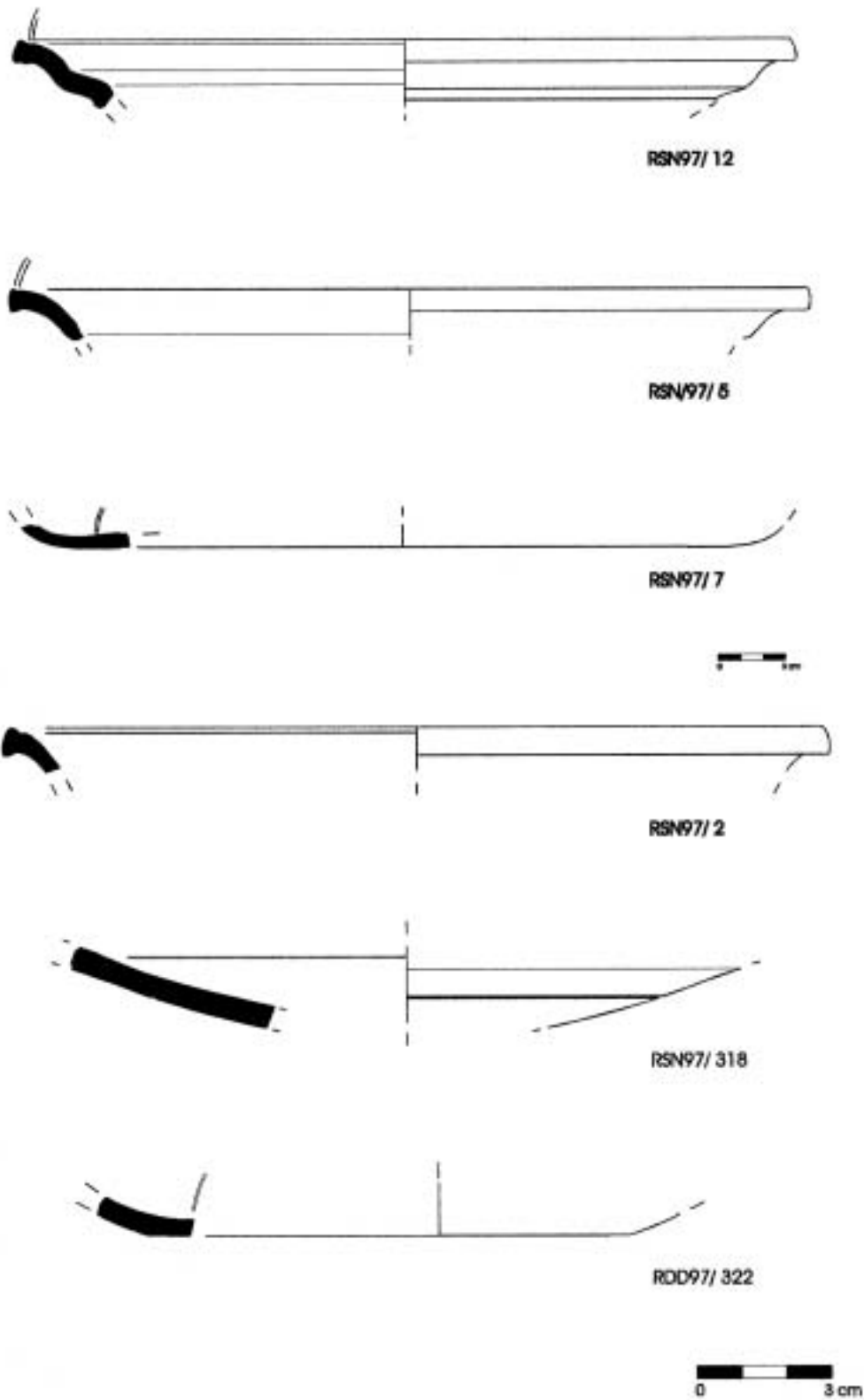


Fig. 3 Terra Sigillata Africana Clara D.

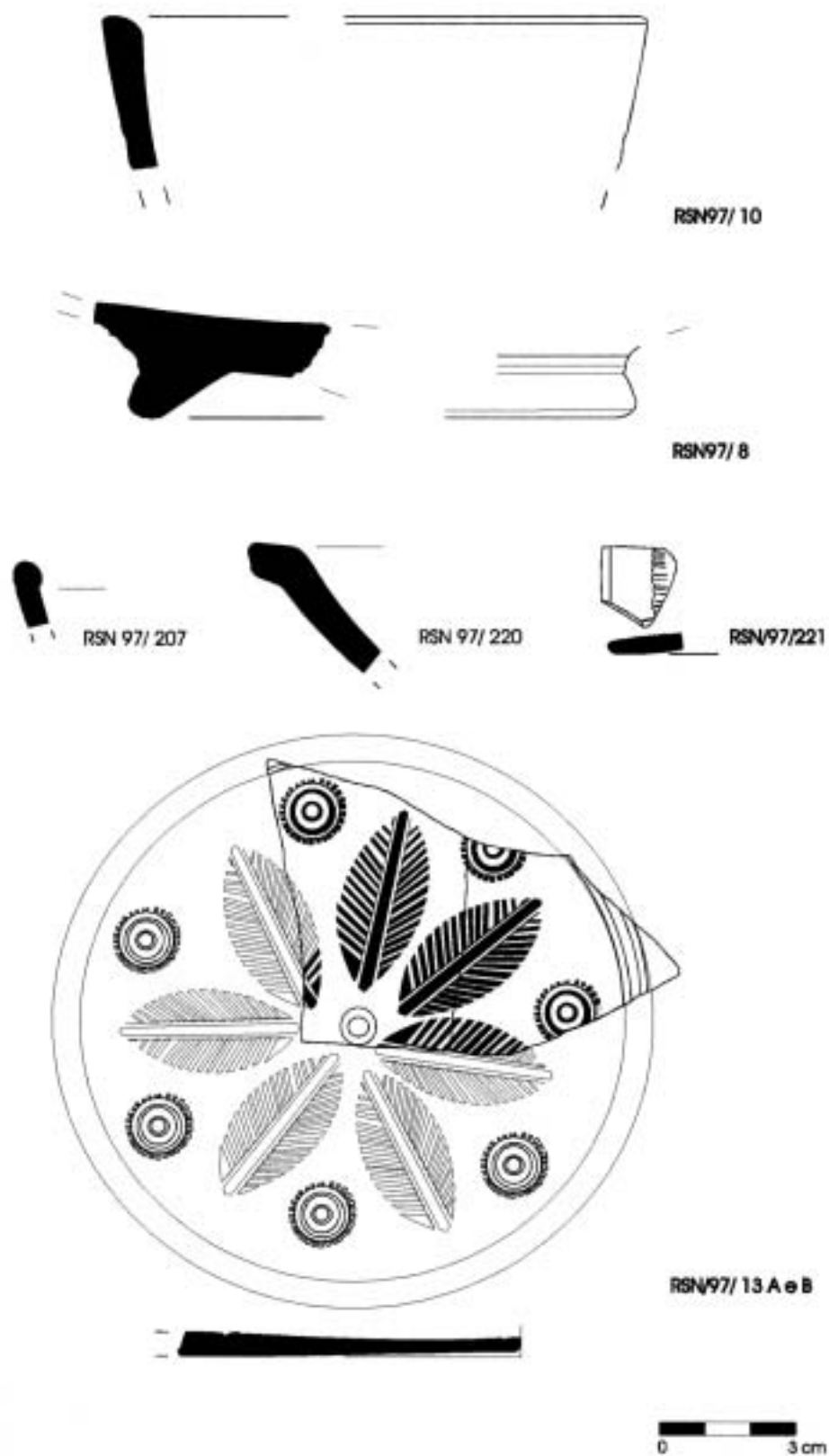


Fig. 4 Terra Sigillata Africana Clara D.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. (1994) - A indústria conserveira na Lisboa Romana. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 76-79.
- BAILEY, D. (1980) - *A catalogue of the lamps in the British Museum, 2. Roman lamps made in Italy*. London: British Museum.
- BOURGEOIS, A ; MAYET, F. (1991) - *Les Sigillées. Fouilles de Belo VI*. Paris: Publications de la Casa de Velázquez.
- BUGALHÃO, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Lisboa. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 15).
- CARANDINI, A (1981) - Ceramica Africana. In *ATLANTE delle forme ceramiche I - Ceramica fina romana nelle Bacino Mediterraneo (medio e tardo Impero)*. Enciclopedia dell' arte antica classica e orientale. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- DIOGO, D., TRINDADE, L. (1999) - Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 83-95.
- DIOGO, D., TRINDADE, L. (2000a) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 181-205.
- DIOGO, D., TRINDADE, L. (2000b) - Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 201-235.
- GOMES, N. (2002) - *A Terra Sigillata Itálica decorada da Intervenção Arqueológica da Praça da Figueira: Campanha 1999-2001*. Prova de Avaliação de Licenciatura à U.N.L. (policopiada).
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. W. (1980) - *Supplement to Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HERMET, F. (1934) - *La Graufesenque. (Condatomago). I. Vases Sigillées - II Graffites*. Paris: Librairie Ernest Leroux.
- MAYET, F. (1983-1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l' Empire Romain*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris.
- MEZQUÍRIZ DE CATALÁN, M. A. (1985) - Terra Sigillata Hispánica. *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fina romana nel Bacino Mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Roma: Enciclopedia dell' arte antica classica e orientale, p. 97-114.
- PEREIRA, C. (2001) - *A terra sigillata das escavações da Praça da Figueira. Campanhas de Irisalva Moita e F. Bandeira Ferreira*. Prova de Avaliação de Licenciatura à U.N.L. (policopiada).
- SEPÚLVEDA, E., VALE, A., SOUSA, V., SANTOS, V. GUERREIRO, N. (2002) - A cronologia do circo de Olisipo: a Terra Sigillata. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 245-275.
- SILVA, R.B. (1999) - Urbanismo de Olisipo: a zona ribeirinha. In *Actas do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha»*. Lisboa: Divisão de Arquivos, p. 43-67.
- SOUSA, J. J. R. (1965-66) - Acerca de um molde de lucernas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20, p. 165-172.